



ALFABETIZAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA: APRENDER A LER E ESCREVER NA ALDEIA RICARDO FRANCO[✓]

Denize MACURAP¹
Josélia Gomes NEVES²

RESUMO

O texto em tela resultou do trabalho realizado no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) por meio do Subprojeto: *Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos - aquisição e apropriação da cultura escrita em escolas indígenas de Rondônia*, na UNIR - Campus Urupá de Ji-Paraná. O objetivo principal do Plano de Trabalho foi analisar de forma introdutória, como as crianças indígenas da EIEEF Emergência 5 de Julho, aprendem a ler e escrever. O estudo aconteceu na Aldeia Ricardo Franco, Terra Indígena Rio Guaporé, em Guajará-Mirim-RO. Além da pesquisa bibliográfica, a metodologia utilizou a pesquisa narrativa e documental. O estudo informou que a alfabetização envolve o uso de representações de imagens conhecidas pelas crianças presentes no cotidiano da aldeia. A parte seguinte foi demonstrar que estas imagens podem ser representadas por palavras culminando com produção de textos autorais. A presença da matemática é constante por meio da contagem oral da sequência numérica, seguido do estudo das funções do número como indicador de quantidade. Concluímos que é importante discutir as aproximações entre o espaço social – várias etnias e línguas com o espaço escolar em âmbito oral e escrito.

Palavras-chave: Povo Indígena Makurap. Aldeia Ricardo Franco. Leitura e Escrita.

1 INTRODUÇÃO

Nossa intenção neste texto foi comunicar saberes produzidos no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) por meio do Subprojeto: *Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos* na UNIR - Campus Urupá de Ji-Paraná. O estudo ocorreu na EIEEF Emergência 5 de Julho, Aldeia Ricardo Franco, Terra Indígena Rio Guaporé, em Guajará-Mirim-RO e consistiu em responder a

✓ Sistematizado a partir do Relatório Final do PIBID Indígena (2018-2020).

¹ Estudante indígena, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: denizemacurap@gmail.com.

² Docente da Universidade Federal de Rondônia. Coordenadora do Subprojeto PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: joseliagomesneves@gmail.com.

seguinte pergunta: como as crianças indígenas desta escola estão aprendendo a ler e escrever? As contribuições teóricas necessárias à elaboração deste texto, levou em conta, dentre outras, as escritas de Caspar (1953), Meireles (1983; 1989), Maldini (1991) Cunha (1987), Gil (2002), Mignot (2008), Neves (2009), além de documentos oficiais (BRASIL, 1998).

2 METODOLOGIA

Para atender os objetivos do Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos, um estudo de caráter qualitativo (GODOY, 1995), foi necessário a realização da pesquisa bibliográfica para aprofundar o conhecimento do tema, bem como a escrita de memoriais sobre a história da alfabetização, o que exigiu a pesquisa narrativa: “[...] as narrativas não são meras descrições da realidade, elas são, especialmente, produtoras de conhecimentos que, ao mesmo tempo em que se fazem veículos, constroem os condutores. [...]”. (CUNHA, 1997, p. 190).

Posteriormente, mediante autorização de responsáveis, foram coletadas de dez a quinze atividades, pois, como outros profissionais “[...], preocupados em examinar o vivido na sala de aula, têm se voltado para os cadernos escolares, que passam a ser considerados importantes objetos ou fonte de pesquisa. (MIGNOT, 2008, p. 7). Foi a fase da pesquisa documental, recurso que utiliza materiais que não foram analisados, (GIL, 2008).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Aldeia Ricardo Franco está localizada na Terra Indígena Rio Guaporé, em Guajará-Mirim, Rondônia. É uma comunidade multiétnica e multilinguística que resultou de um conjunto de processos de deslocamentos, que ocorreram, sobretudo, na segunda parte do século XX. Um tempo de expansão agrícola e desenvolvimentista no país com grandes impactos para a Amazônia: “[...]. O Posto, segundo consta, havia sido criado para abranger esses índios que deveriam ser imediatamente colocados a serviço dos seringais. [...]”. (MEIRELES, 1983, p. 111). O nome da Aldeia foi possivelmente uma homenagem do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) quando criou o antigo Posto em 1945 a Ricardo Franco de Almeida Serra, um militar formado em Engenharia. Ele é mencionado como o ‘branco’ que

encontrou os Pakaas Novos nas proximidades do rio de mesmo nome na atual região de Guajará-Mirim, visto, como um: “[...] Defensor da liberdade dos índios, que chamou de ‘senhores da América’ no leito de morte reconheceu à sua união com Mariana - uma índia guaná - e os dois filhos que teve com ela”. (MEIRELES, 1989, p. 179). O nome da Aldeia Ricardo Franco, certamente é uma das marcas que ficou da geopolítica do estado do Mato Grosso em Rondônia.

Na atualidade, a Aldeia Ricardo Franco é composta por aproximadamente 268 (duzentas e sessenta e oito) pessoas, distribuídas em 61 (sessenta e uma) famílias pertencentes a 13 (treze) povos: Wajuru, Tupari, Djeoromitxi, Macurap, Canoé, Cujubim, Arikapú, Arua, Aruak, Massaká, Oro Nao, Oro Waram Xijein e Oro At. Só é possível chegar à aldeia através de transporte aquático. A língua comum utilizada pela comunidade é a portuguesa, ao lado de 5 (cinco) línguas indígenas.

Em relação ao Povo Makurap, etnia da bolsista do PIBID, esta etnia fala a língua Makurap, pertencente à família Tupari, tronco Tupi. Estudos dão conta que o território tradicional dos Makurap estava situado em um lugar acima das cabeceiras do Rio Branco, nas proximidades do Rio Colorado. Inicialmente o contato ocorreu com grupos de caucheiros e conservaram seus aldeamentos até 1950 (MALDI, 1991). O sarampo no contexto dos seringais e da ditadura militar provocou grande mortandade indígena, ação causada pelo órgão indigenista, que deveria ser o responsável pela defesa de seus interesses. Depois de certo tempo, parte do grupo foi transferido para o Posto Ricardo Franco (CASPAR, 1953), onde permanecem na atualidade.

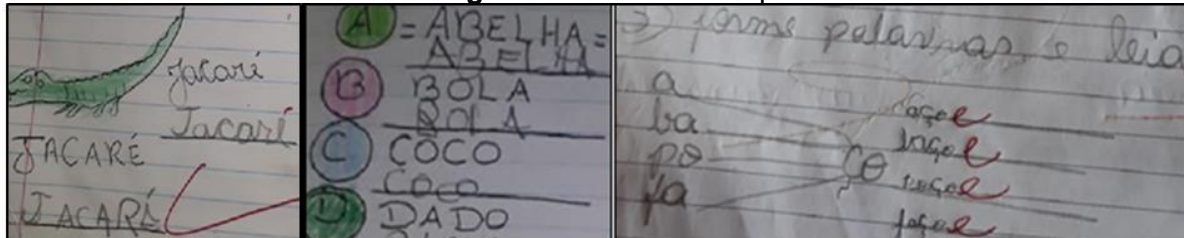
Sobre o seu processo de alfabetização, a bolsista relata que aprendeu a ler e escrever na Escola 5 de Julho, a mesma onde realizou os estudos do PIBID, com músicas e brincadeiras: “[...] Meu primeiro professor foi José, [...] que pegou minha mão pra cobrir as vogais e os números. Na época era usado trabalho mimeografado, para cobrir, esse era o chamado coordenação motora, onde tinha que, cobrir a letra a, b, c, d, [...]”³. Os elementos apresentados permitem compreender que havia atividades de interesse para a criança como o cantar e o brincar no processo inicial

³ Fragmento extraído do Memorial de Alfabetização de Denize Macurap, produzido em outubro de 2019 como uma das atividades do PIBID Indígena da UNIR – Campus Urupá de Ji-Paraná-RO.

da educação formal. Por outro lado, a ênfase na repetição excessiva por meio de atividades de copiar, é um aspecto que sugere reflexões, pois: “O professor também deve cuidar para não reproduzir orientações que se inspiram em modelos conservadores de ensino, [...], os ‘exercícios de coordenação motora’ que apresentam pontinhos para cobrir e outros. [...]”. (BRASIL, 1998, p. 311).

O trabalho do PIBID Indígena ocorreu na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental 5 de Julho, código INEP 11006072, criada pelo Decreto nº 357 de 17 de março de 1991. Em 2019, havia trinta e cinco estudantes matriculados nas turmas de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental I e que são alfabetizadas em língua portuguesa. Inicialmente, no processo da alfabetização é apresentada uma relação de palavras acompanhadas de desenhos que as crianças conhecem, pois, “[...] alfabetizar-se é conhecer o mundo, comunicando-se e expressando-se [...] alfabetizar não se restringe a decodificação e à aplicação de rituais repetitivos de escrita, leitura e cálculo [...]”. (KRAMER, 2006, p. 98).

Figura 1 – Desenhos e palavras



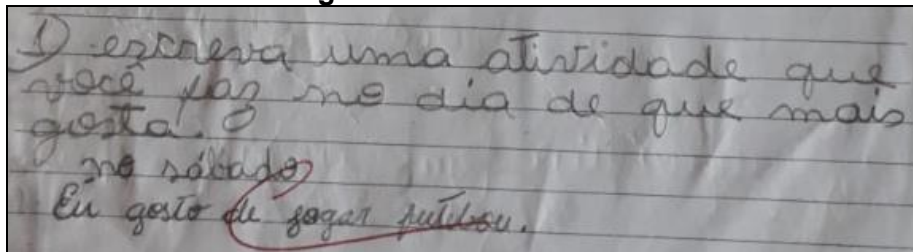
Créditos: Bolsista PIBID Indígena - T. I. Rio Guaporé

A representação de animais conhecidos através dos desenhos ao lado da palavra pode permitir o conhecimento inicial de um importante dispositivo de diferenciação. Significa afirmar que as palavras apresentadas como *jacaré*, *macaco* e *arara* estabelecem uma correspondência com as ilustrações possibilitando a criança inferir que é possível representar animais, neste caso, por meio de duas formas: desenho e escrita e que são representações diferentes (NEVES, 2009). Outro tipo de atividade diz respeito à sequência alfabética articulada a uma relação de palavras com destaque para as iniciais. É possível observar que a cópia proposta não é exaustiva e as letras tipo bastão, utilizadas na comunicação impressa são

semelhantes às letras usadas em suportes tecnológicos, o que a nosso ver favorece a compreensão da escrita.

Vale ressaltar que este tipo de letra é considerado a mais adequada no processo de alfabetização por duas razões: primeiro porque a criança que está aprendendo a ler e escrever pode entender onde começa e termina o seu traço, além do fato que pode ser identificada com mais frequência nas práticas sociais da atualidade, como letreiros de lojas, visualizados na cidade. Um exercício que possibilita a realização de conexões e que contribui para a produção futura de pequenos textos autorais, como: “Eu gosto de jogar futebol”.

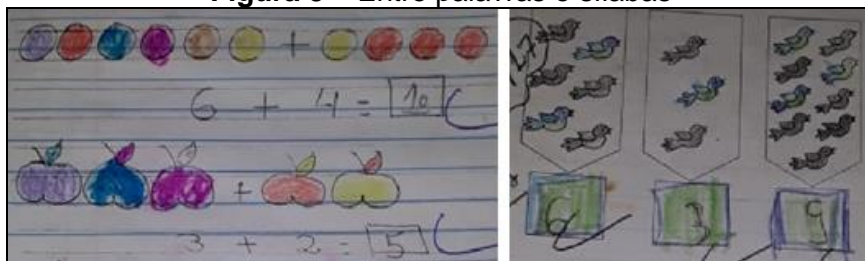
Figura 2 – Textos autorais



Créditos: Bolsista PIBID Indígena - T. I. Rio Guaporé

Em relação às atividades de matemática o desenho também constitui um recurso importante na aprendizagem inicial do cálculo. A proposição apresentada possibilita o exercício da contagem oral articulada à representação numérica. Uma ponte necessária para o avanço de novos conhecimentos, neste caso, a adição, pois: “Antes de começar o trabalho com a escrita dos números, é importante trabalhar a contagem oral de vários tipos de objetos. [...]”. (BRASIL, 1998, p.166).

Figura 3 – Entre palavras e sílabas



Créditos: Bolsista PIBID Indígena - T. I. Rio Guaporé

Assim, o estudo da correspondência entre a contagem oral, a quantidade e o algarismo contribuem para a compreensão dos saberes matemáticos na alfabetização, um reconhecimento que: “A impregnação entre a linguagem Matemática e a língua materna perfaz todos os passos da nossa vida estando presente em diversas situações da vida cotidiana”. (SALMAZO, 2005, p. 27).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados no PIBID de setembro de 2018 a janeiro de 2020 nas aulas do Tempo-Universidade e no Tempo-Comunidade na Escola 5 de Julho permitem afirmar que as crianças indígenas pertencentes a diversos povos, aprendem a ler e escrever na segunda língua, a portuguesa e que também são falantes. Os temas do dia a dia estão presentes na escola e o estudo parte do desenho para a apresentação de palavras e textos. Tendo em vista a existência de diversas línguas e culturas na Aldeia Ricardo Franco, é importante aproximar este contexto social ao contexto escolar por meio da comunicação oral e escrita.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília, 1998.

CASPAR, F. A aculturação da tribo Tuparí. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 5, nº 2, p. 145-171, dezembro, 1957.

CUNHA, M. I. da. **Conta-me agora!** As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Rev. Fac. Educ. vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas São Paulo**, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

KRAMER, S. **Alfabetização leitura e escrita**: formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2001.

MEIRELES, Denise Maldí. **Guardiães da fronteira**. Rio Guaporé, século XVIII. Petrópolis: Vozes, 1989.

MEIRELES, Denise Maldi. **Populações indígenas e a ocupação histórica de Rondônia**. 1983. 139 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)- História e Historiografia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 1983.

MALDI, Denise. O Complexo cultural do marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia**, Belém, v. 7, n. 2, p. 209-269, 1991.

MIGNOT, A. C. V. **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2008.

NEVES, Josélia G. **Cultura escrita em contexto Indígena**. Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargos. 2009. 369f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara. Araraquara– SP, 2009.

SALMAZO, R. **Atitudes e procedimentos de alunos frente à leitura e interpretação de textos nas aulas de Matemática**. 2005. 134f. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática) – Pontifca Universidade Católica São Paulo, São Paulo, 2005.